

ESTUDANTES DE CLASSES POPULARES: para refletir sobre a não exclusão educacional

Werlang Cutrim Gomes ¹

RESUMO

Reflexões sobre estudante de classes populares para não haver exclusão educacional; pesquisa que teve como objetivo estudar a trajetória de vida e acadêmica de estudantes de classes populares principalmente egressos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, compreender seus desafios e suportes. Adotou-se como aporte metodológico fazer um levantamento bibliográfico e suas reflexões sobre a temática em questão, refletir segundo a sociologia individual fundamentada nos estudos de Danilo Martuccelli (2007a; 2007b; 2009; 2010a; 2010b) e Bernard Lahire (2004; 2013). Nessa perspectiva, destacamos as provas e suportes, as disposições considerando os contextos sobre as trajetórias de vida e acadêmica dos egressos da Educação de Jovens e Adultos. Inferimos que os estudantes universitários de classes populares têm dificuldades para se manterem na universidade; por questões financeiras, de desenvolver atividade de labor para a sobrevivência e até mesmo por possuir capital cultural insuficiente. Apontamos assim, a necessidade de serem desenvolvidos programas ou projetos que garantam não apenas o acesso do estudante de classes populares à educação superior, mas também a permanência e o sucesso nos estudos os levando à formação.

Palavras – chave: Estudante universitário, Educação de Jovens e Adultos, Exclusão educacional.

INTRODUÇÃO

Este trabalho reflete sobre estudantes de classes populares; como conseguem enfrentar desafios, receber suportes em suas trajetórias de vida principalmente acadêmica. Apresentamos a problemática de estudantes que chegam à educação superior e enfrentam dificuldades de diversas categorias correndo risco de não obterem sucesso e não se formarem. Realizamos um percurso metodológico para desenvolver este trabalho nos apoiando em levantamento bibliográfico e reflexões sobre a temática em discussão, em referencial teórico de Danilo Martuccelli (2007a; 2007b; 2009; 2010a; 2010b) e Bernard Lahire (2004; 2013) abordando a sociologia individual.

Nessa direção, Viana (1998) percebe a importância no discurso que trata das dimensões de culturas, modos de vida, espaços ocupados ou a escolarização e as famílias. Viana (Ibid, p. 3) observa que: “o significado da noção de ‘classes sociais’ em geral, e de camadas populares em particular, assim como o uso desses termos, estão hoje vinculados ao

¹ Doutor pelo Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, wc.gomes@ufma.br.

debate contemporâneo acerca de determinados temas”. A autora destaca a natureza das clivagens sociais, a homogeneização da cultura, a constituição das classes, os questionamentos sobre o declínio do antagonismo das classes ou as persistências de diferenciações. As desigualdades sociais afetam também os estudantes universitários. Há uma sociedade hierarquizada que possui uma minoria detentora das fontes que geram riquezas, formam a elite dominadora, excluindo grande parte da população do acesso aos benefícios do desenvolvimento cultural e material. A formação social do Brasil conforme Azevedo (2001), é histórica e se reflete na organização do poder estatal. Há estudantes que chegam à universidade, oriundos de um meio social diferente do seu, levando-os a se adaptarem para conseguirem chegar ao fim do curso. As diferenças sociais passam a fazer também parte das diferenças do mundo acadêmico. É algo bastante complexo a passagem do estudante da educação básica para a superior, pois envolve questão de administração do seu tempo, principalmente para muitos, trabalhar e estudar passa a ser uma realidade concreta.

TRAJETORIAS DE VIDA

Para Coulon (2008), a qualidade de estudante exige sacrifícios, que precisam ser compreendidos e vividos sob pena de não obter sucesso, ficar excluído do meio acadêmico e não concluir o curso superior. As questões que envolvem os estudantes das classes sociais populares apontam para as instituições educacionais reverem as suas ações pedagógicas. Temos, por exemplo, estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA dentre outros, com problemas de conciliar estudo e trabalho e requerem uma reavaliação por parte das instituições educacionais. No caso dos estudantes da EJA, muitos enfrentam sérios desafios ou provas diante da realidade que vivenciam, há os que precisam trabalhar, e passa a ser bastante cansativo as duas atividades. Pesquisa desenvolvida por Bernardim (2013, p. 184) destaca o fato de alguns estudantes serem “[...] obrigados a abandonar a escola.”, pois, não conseguem conciliar estudo e trabalho. Contudo, há aqueles que sonham com um futuro melhor e procuram na educação superior qualificação para se realizarem profissionalmente. Bernardim (Ibid, p. 215) ainda observa que: “Na modalidade EJA permanece forte a percepção de que a educação pode contribuir não só para a melhoria das condições de trabalho e renda, como para a obtenção de emprego.” Nas classes sociais populares, grupos de pessoas, como os que procuram a EJA, egressos desta modalidade de ensino que buscam

curso superior, têm esperança de através da educação melhorar as condições de existência material e cultural.

Pesquisadores procuram chamar a atenção sobre os estudantes das camadas populares, a importância devida para que eles não fiquem às margens da sociedade. Rosistolato *et all* (2011) esclarece que os estudos sobre escolarização de camadas populares é uma preocupação da sociologia da educação. Conforme o autor, pesquisadores se dedicaram a essa questão durante o período de 1945 a 1965 institucionalizando essa área de conhecimento. O pós-guerra exigiu um projeto para a sociedade, vantagens sociais e riquezas passaram a ser coordenados pelo Estado. A educação fez parte ajudando os sobreviventes da guerra a se recompor. Os sistemas educacionais foram lembrados como mecanismos favorecedores do desenvolvimento. Assim, Rosistolato (*et all*, 2011) esclarece que foi estabelecida uma gestão social com foco na racionalidade e planejamento, a escolarização ficou associada à meritocracia, quando designa a construção de uma sociedade justa; com o objetivo de superar o atraso econômico.

A educação passou a ser parte de um projeto que leva a sociedade para a modernidade e estabelece a democracia. Nessa linha de raciocínio, muitos pesquisadores da área educacional têm formulado teorias sobre a escola das classes hegemônicas e a relação com os estudantes das classes populares. As pesquisas que se referem aos estudantes de classes populares tratam, em geral, do seu fracasso escolar. Em diversos países europeus, durante a década de 1950, foram realizadas pesquisas empíricas procurando demonstrar uma correlação dos meios sociais com os resultados dos estudantes na escola. A ótica estava voltada nesta época (década de 1950), para as famílias e a sua prole estudantil, assim, a perspectiva meritocrática é abordada considerando que a escola é um espaço educacional igual para todos. Procuravam os investigadores da escola e família, do sucesso e fracasso escolar, que elementos substanciais das classes populares interferiam no desempenho educacional. Houve uma demanda de pesquisas a partir de meados dos anos 1960 na França, para buscar desenvolver um diálogo crítico com as teorias norte americana do mérito educacional.

Segundo Pinto (2011, p. 7056), P. Bourdieu é com certeza um grande crítico da meritocracia educacional. Por meio da perspectiva antropológica cultural, onde não existe hierarquização entre as culturas, Bourdieu demonstra como a escola, ao ‘eleger’ pontos significativos da cultura geral de uma nação (de modo geral provenientes das classes dominantes), exclui as pessoas que, em seus meios de socialização não dispõem facilmente

desse critérios escolhidos e encontrados nos locais de socialização das pessoas de classes dominantes, ou seja, não possuem capital cultural. Forquim (1995, p. 81 - 82) faz um levantamento sobre a questão do fracasso ou sucesso escolar, destacando pesquisas realizadas em França, Inglaterra e Estados Unidos no século XX. Questiona: “[...] de quem é a culpa e o que fazer se os filhos de trabalhadores braçais não conseguem na escola tão bons resultados quanto os filhos de executivos ou de pais que exercem profissões liberais?”. Forquim, a partir de resultados das pesquisas sobre fracasso escolar, destaca o perfil dos estudantes que não conseguem sucesso nos estudos, assim temos a prole dos operários ou trabalhadores como principais protagonistas. Nessa perspectiva, observa o autor que saímos do modelo psicológico, patológico de explicação do fracasso escolar, apontando a criança como disléxica, disortográfica etc., para o modelo culturalista. Um modelo sociológico que apresentava a família, o meio social do estudante como responsável pelo seu fracasso escolar. As classes populares foram vistas como desfavorecidas culturalmente, e tido este fenômeno como algo quase natural, ou uma propriedade típica, essencial dos que não fazem parte dos grupos sociais elitizados e dominadores (a classe burguesa). No entanto, se esquece que não existe deficiência em si, apenas na escola e em situações impostas por ela, que determinados grupos conhecem dificuldades de adaptação.

Ao analisar o meio educacional francês, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron chamam a atenção para o fracasso escolar de estudantes que não pertencem às classes sociais privilegiadas economicamente e culturalmente. Assim, Bourdieu e Passeron (2010, p. 96 – 97) se referem ao fato de que os alunos de classes populares e médias que chegam à educação superior, conseguindo sucesso na ação pedagógica de aculturação para satisfazer o mínimo de exigências educacionais quanto à linguagem, são obrigatoriamente submetidos a uma mais intensa seleção, conforme o critério da competência linguística. No entanto, os professores avaliadores são constantemente intimidados, na agregação e no bacharelato, a diminuir seus critérios e exigências em relação ao conhecimento e às habilidades para satisfazer às exigências de forma. Observam que a escola com seus mestres, têm que abaixar o nível de competências que serão exigidas das classes populares, indicando que há um perfil de estudantes que se diferencia das classes não populares. São vistos como não tão capazes de se adaptarem, acompanharem, adquirirem conhecimentos das classes dominantes.

Ainda segundo Bourdieu e Passeron (Ibid, p. 153), para uma infância que se desenvolve em cotidiano familiar, tudo se opõe à experiência da escola. As palavras do meio educacional definem a realidade das coisas contrapondo-se à experiência dos oriundos de

classes populares. A aquisição de linguagem própria da escola faz desconstruir tudo que falam. Identificada como linguagem incorreta e sendo corrigida em sala de aula, são feitas anotações à margem traduzindo o familiar como vulgar. Dentre os de classes populares estão as crianças de internato, de regiões rurais etc., que se deparam com uma experiência forçada de contra aculturação, levando-as a ficarem divididas e se resignarem com a exclusão.

Sobre o projeto educacional para a modernidade das sociedades, Freitag (1986) lembra que a escola pública e gratuita também teria a função de resolver o acesso à educação com garantia do princípio de igualdade das oportunidades para todos os cidadãos. Contudo, as reflexões de Apple (1989, p. 57) lembram que: As escolas são instituições meritocráticas e desenvolvem mobilidade generalizada entre os indivíduos da população, o fracasso ou carência do indivíduo, do grupo é compreendido como desajustamento merecido pelo próprio desajustado. Os currículos expressos e oculto, as relações sociais de sala de aula, as categorias que os professores organizam, avaliam e dão significado às atividades se apresentam como neutras, mas, a pretensão de neutralidade tem menos fundamento do que nos querem fazer acreditar. As camadas ou classes populares são referenciadas ou identificadas em pesquisas sobre fracasso ou sucesso escolar, como carentes, pobres financeiramente, com conhecimentos precários (pouco capital cultural), pertencentes aos grupos dos dominados (operários, funcionários públicos que recebem poucos proventos – de um a três salários mínimos por mês), pobres como os desempregados, habitantes de favela (comunidade de bairro originado de invasões de terra devoluta), oriundos de áreas rurais, feirantes de poucas posses, pais com pouca ou precária instrução, nenhuma formação escolar etc. Nesse sentido, cabe refletirmos sobre as observações que seguem.

De acordo com Passos, Gomes e Costa (2009), os estudantes das classes populares que têm renda familiar de até 3 salários-mínimos e cursaram o ensino médio em escola pública, obtiveram aprovação sobretudo nos cursos que são menos procurados ou concorridos no ensino superior. Destacam que procuram maximizar as chances de sucesso, se inscrevem nos cursos com menos concorrência. Whitaker (1995) ressalta que a escola pública não está preparada para receber os filhos das classes populares, embora esteja de portas abertas. A prole dos deserdados, não param de requerer da escola o caminho para a cidadania. Invadiram com suas maneiras rústicas, sintaxe típica, agressividades específicas e aparentes apatias sem explicações o meio educacional. Professores com boas intenções se acostumaram a percebê-los com amável aprovação. Mas, há os que veem com horror a presença dos “diferentes” no abençoado ambiente escolar, em uma escola alegre e honesta que se faz etnocêntrica

privilegiando a cultura da classe dominante. Assim, um problema significativo abordado em uma concepção antropológica, é a cultura que se defronta com a “massa dos desesperado” em diversos países. São pessoas postas para correr do seu lugar de nascença, do seu território por questões política, econômicas etc., que levam consigo sua história; identidade e costumes. (WHITAKER, 1995, p. 54 - 57).

Estudantes de classes populares têm sido identificados cada vez mais em pesquisas sobre a educação. De acordo com Piotto (2007), a partir da década de 1990 se intensificaram no Brasil as pesquisas sobre as práticas das famílias na escolarização dos filhos, estudantes de classes populares em meio educacional superior. A autora analisou a trajetória educacional e a experiência dos estudantes de classes populares em cursos superiores com maior concorrência seletiva, maior prestígio na sociedade e no mundo do trabalho. Discutiu qual o sentido que os estudantes desenvolvem sobre o ingresso e a permanência na educação superior. Conforme os relatos obtidos junto aos estudantes universitários da Universidade de São Paulo (campi localizados em interior de São Paulo) demonstram que suas trajetórias de vida universitária trazem a marca da solidão, desenraizamento, muito esforço e humilhação. Contudo, para estes estudantes, ingressar em uma universidade pública, possibilita novas oportunidades e perspectivas de vida. O sofrimento não caracteriza fortemente os discursos deles. Nos discursos dos estudantes fica muito bem registrado a presença do trabalho e as contribuições da educação básica (a escola), nas suas trajetórias de vida (PIOTTO, 2007). As pesquisas sociológicas têm se deparado com desafios como a globalização cultural e econômica e além destes, têm as exceções, tornou-se mais frequente pessoas de classes populares obterem sucesso na escolarização. Muitas pesquisas sobre a educação formal tiveram como objetivo principal demonstrar como a estrutura social está posta previamente no meio educacional; na escola.

Com mudanças ocorridas devido a globalização, as teorias de cunho bourdieusianas passaram a ser discutidas questionando as exceções à regra, pois, cada vez mais estudantes desprovidos de capital cultural conseguem sucesso educacional levando os pesquisadores a deixar a discussão epistemológica de socialização para adotar a ideia de experiência individual. (PINTO, 2011, p. 7055). Discutindo a problemática de estudantes que saíam da escola com escassos conhecimentos e sentindo-se incapazes de concorrer a vagas mais concorridas em seleções e concursos, Dias (2011), por exemplo, acredita em soluções que valorize “uma educação que tome como referência a vida, a realidade das pessoas excluídas socialmente [...]” alterando a existência delas. A questão do fracasso escolar, nesse sentido,

passa pelo “estilo de aprendizagem” dos estudantes de classes populares e em situação de exclusão social, sendo necessário se questionar quais são os estilos de aprendizagens desses estudantes. Destaca a importância dos “[...] atravessamentos identitários de classe [...]” estarem presentes nas ações pedagógicas. As pessoas e suas vozes na contemporaneidade são opções para a compreensão do mundo social, derrubando paradigmas hegemônicos, reescrevendo a vida social e trazendo maneiras diferentes e originais para conhecê-la. O ato pedagógico de ensinar, que se conduza para formar cidadãos autônomos, críticos e que respeitem o diferente culturalmente; que busque transformar a contemporaneidade em que este esteja inserido. É importante reconhecer que as aprendizagens que ocorrem são atos peculiares oriundos dos aprendizes envolvendo o cognitivo e a vida afetiva. Perceber que o ambiente educativo é de grande importância para acontecer aprendizado; a interação docente discente ocorrendo respeitosamente, valorizando o diferente proporciona o desenvolvimento da autoestima e garante o sucesso educacional. (DIAS, 2011, p. 49 - 51).

A preocupação com a entrada de estudantes na universidade é também assunto da pesquisa de Pachane (2003, p. 178, grifo da autora), que nos chama a atenção para o fato de que “[...] o ingresso na universidade expõe os alunos a uma série contínua de rupturas: rupturas com a forma anterior de ensino, com os vínculos anteriores; com o seu *background* familiar, podemos mesmo dizer, com todo o passado do estudante”. Na pesquisa de Pereira e Passos (2007), é destacado o fato de os estudantes serem de origem familiar com dificuldades econômicas (baixo poder aquisitivo). Fundamentado nos estudos de Pierre Bourdieu, procura analisar as dificuldades dos estudantes referindo-se ao capital cultural e à violência simbólica que fazem parte das suas vidas. Destaca como uma das principais questões a linguagem. Esta tem importância na vida dos estudantes, pois, o universo acadêmico domina uma linguagem que não faz parte da linguagem cotidiana dos estudantes.

Outro fator importante, trata-se da descontinuidade dos estudos. Os estudantes que tiveram descontinuidade de estudos apresentam maiores dificuldades para acompanhar as atividades acadêmicas. Foi constatado na fala de alguns estudantes de classes popular, o estranhamento ao se inserir na cultura acadêmica. Sentiram-se estranhos no meio acadêmico e principalmente diante dos colegas de turma que são oriundos de outras classes sociais (classes sociais abastadas). Conclui a pesquisa que a universidade é muito seletiva, reproduz as diferenças de classes. Os estudantes, por questões financeiras, precisam buscar algum tipo de trabalho para garantir a sobrevivência, inclusive da própria família. Este fato torna muito difícil o sucesso acadêmico por falta de tempo para estudar e se dedicar à universidade, assim,

ainda são poucos os estudantes de classes populares que têm acesso a universidade (PEREIRA.; PASSOS, 2007). Pereira (2014) destaca que as necessidades imediatas de sustento material e a baixa autoestima fazem do acesso à educação superior algo muito difícil para os estudantes de classes populares. A pesquisa realizada por ele identificou que aqueles estudantes da noite têm mais dificuldades para estudar, pois conciliar escola e trabalho é algo para eles, muito cansativo. No turno diurno há uma população bem menor de estudantes que trabalham e a faixa etária predominante é abaixo de 20 anos. Ao ingressar na universidade, o estudante das classes populares, faz parte de um projeto de vida da família, significa melhorar de vida, galgando melhores posições no mundo do trabalho. Muitos fazem a escolha por cursos tecnológicos, pois é uma possibilidade para ingressar mais rápido no mundo do trabalho. A universidade pública é discutida tomando como exemplo a Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Erechim em uma perspectiva de esta ser popular e atender às classes populares, preocupando-se inclusive com as pessoas que não têm acesso à esta instituição social. Conclui que a presença de classes populares na universidade pode vir a ser um “inédito-viável” segundo a perspectiva de Paulo Freire. O autor pergunta: “Universidade para quem?” e reflete: “Se a expansão de vagas públicas nos últimos anos é um dado comprovado em números, a democratização das instituições públicas é ainda um desafio. E a democratização passa pela *presença das classes populares na universidade pública*” (PEREIRA, 2014, p. 252, grifo do autor).

SONHO POSSÍVEL – DESAFIOS E SUPORTES

A luta para ingressar na universidade geralmente não é um sonho solitário. Em alguns casos a família sonha junto, estimulando e apoiando. As primeiras impressões dos estudantes ao ingressar na universidade são de um certo deslumbramento. (PEREIRA, 2014). Somados às primeiras impressões da universidade, os estudantes podem se sentir solitários e inseguros, em virtude dos desafios cognitivos que precisam superar. Assim, os estudantes passam a dialogar com a universidade, entremeando-se com os impedimentos, superações e conquistas. As instituições públicas, diferente das que pertencem ao setor privado, podem destinar serviços básicos para a permanência dos estudantes na educação superior tais como: moradia estudantil, transporte escolar, restaurante, estágio remunerado, bolsas de participação em projetos de extensão e pesquisa, assistência médica etc. Embora o acesso à universidade tenha se tornado mais fácil através de programas do governo, o mesmo não se pode dizer da

permanência. As políticas governamentais que passaram a implementar as ações afirmativas, processo de inclusão das classes populares em meios antes excluídos, como a universidade, resultado de lutas e conquistas da sociedade civil organizada, são classificadas conforme Sousa e Portes (2011), em reserva social; racial; sócio racial; bônus social; sócio racial e processo seletivo específico. São políticas sociais que possibilitam aos desfavorecidos, excluídos socialmente, a participação nos benefícios que a sociedade capitalista desenvolveu, na educação, na saúde etc. Contudo, ainda é preocupante a permanência dos estudantes na universidade, pois eles não conseguem se manter até à conclusão do curso devido não disporem de recursos financeiros e estrutura material suficiente. Conforme Côco: “Os desafios vinculados a habitação no novo espaço passam a integrar a situação persistente na vida dos estudantes de classes populares, a responsabilização pela sobrevivência. À necessidade de se manter se soma o desafio de atender às solicitações de aquisições requeridas pelos estudos.” (CÔCO, *et all.* 2013, p. 42).

Os desafios na vida de estudantes de classes populares são muitos, acrescenta-se também a ausência dos apoiadores da educação básica nesta nova trajetória de vida escolar. Nesse sentido, “parece que os estudantes não encontram referências na escolarização anterior, não podem recorrer aos seus apoiadores de jornada e seus interlocutores não dão conta da complexidade de suas necessidades”. Os investimentos na formação de estudantes provenientes de camadas ou classes populares se tornam importantes, avançando principalmente sobre a questão do acolhimento, refletindo sobre a demanda dos jovens de origem popular que estão em situação social vulnerável e sentem a fase juvenil pesadamente. (CÔCO, *et all.* 2013, p. 43). Os estudantes de classes populares pertencem a famílias de trabalhadores e alguns vivenciam o labor para garantir a sobrevivência. Nem sempre têm tempo para os estudos, muitos deixam cedo a escola para ajudar seus familiares no trabalho.

O estudante de classe popular por viver em ambiente, ou seja, bairro, subúrbio ou periferia com problemas de infraestrutura; falta de saneamento básico, de segurança, pavimentação nas ruas, consumidor de um transporte coletivo precário, e por ser de famílias não tão dedicadas aos estudos, pais analfabetos ou semialfabetizados, de grupos familiares com muitos filhos e precárias condições econômicas, são estigmatizados como inadequados para o aprendizado, para adquirir conhecimentos científicos. São considerados incapazes, restando-lhes o aprendizado dos trabalhos manuais, das oficinas mecânicas, do aprendizado para ingressar imediatamente no mundo do trabalho que não exige raciocínio crítico e conhecimentos científicos aprofundados em determinada área. (WHITAKER, 1995). Assim,

cada vez mais a escola vem se preocupando em compreender a escolarização de crianças, jovens e adultos, buscando perceber a adaptação que ocorre na procura de soluções para o sucesso escolar dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferimos a partir da temática levantada que algumas características dos estudantes de classes populares são apontadas em diversas pesquisas. São identificadas as situações destes como oriundos de famílias com pouco estudo ou nenhum tipo de formação educacional; vivenciam uma realidade familiar de escassos recursos econômicos; com interrupção nos estudos em algum momento de sua vida, principalmente por precisar trabalhar. O estudante de classe popular vem de família que possui pouco poder aquisitivo, ajuda no orçamento familiar realizando atividades que possam garantir a sua sobrevivência e dos seus familiares, geralmente o tempo para os estudos é escasso. Em regra, são estudantes com pouco capital cultural, não têm tempo para ler, e se dedicarem aos estudos. Apresentam algumas fragilidades em relação aos conhecimentos acadêmicos e científicos que são trabalhados no meio educacional. Os estudantes das classes populares são cada vez mais analisados em pesquisas nacionais e internacionais. Torna-se cada vez mais necessário se observar a complexa realidade e as diversas dimensões que vivem as classes sociais para que possamos desenvolver programas de apoio aos estudantes e os conduza até a conclusão do curso superior.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 57
- AZEVEDO, José Clóvis de. Escola cidadã: construção coletiva e participação popular. *In*: SILVA, Luiz Heron. (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 308 – 319.
- BERNADIM, M. L. Educação e trabalho na perspectiva de egressos do ensino médio e estudantes universitários. **Nuances**: estudos sobre educação, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 184 - 217, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i1.2168>. Acesso em: 22 abr. 2016.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 96 – 153.

CÔCO, Valdete.; SOARES, Leticia Cavassana.; BRAGANÇA, Nelma Suely.; LÓSS, Raiane Cardoso. Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares. **EccoS Revista Científica**, São Paulo: Uninove, n. 32, p. 42 – 47, set/dez. 2013.

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: Edufba, 2008.

DIAS, R. S. Estilos de aprendizagem de um aluno da classe popular: a construção de uma aquisição significativa de ler. **Revista Desempenho**. Brasília, v. 12, n. 1, p. 49 - 51, jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/9462>. Acesso em: 20 mai. 2016.

FORQUIN, Jean-Claude (org.). **Sociologia da educação**: dez anos de pesquisa. Petrópolis: RJ, Vozes, 1995. p. 81 – 123.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: SP. Editora Moraes, 1986.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Dans les plis singuliers du social**: individus, institutions, socialisations. Paris: Éditions La Découverte, 2013.

MARTUCCELLI, Danilo. **Existen individuos en el Sur?** Santiago: Ed. LOM, 2010b.

_____. **Cambio de rumbo**. Santiago: LOM Ediciones, 2007b.

_____. “Lecciones de sociologia del individuo”. **Cuaderno de trabajo**, Peru, n. 2, p. 1 – 156, ago. 2007a. Disponível em: <http://departamento.pucp.edu.pe/ciencias-sociales/publicaciones/lecciones-de-sociologia-del-individuo/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____. La individuación como macrosociología de la sociedade singularista. **Persona y sociedade**, Santiago, v. 24, n. 3, p. 9-29, dez. 2010a. Disponível em: <http://repositorio.uahurtado.cl/handle/11242/218>. Acesso em: 16 out. 2011.

MARTUCCELLI, Danilo; SINGLY, François. **Sociologies contemporaines**: les Sociologies de l’individu. Espagne: Armand Colin, 2009.

PACHANE, Graziela Giusti. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In: MERCURI, Elizabeth.; POLYDORO, Suely A. J. (org.). **Estudante universitário**: características e experiências de formação. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003. p. 178.

PASSOS, G. de O.; GOMES, M. B.; COSTA, A. C. V. Ingresso de estudantes de classe popular no ensino superior público: chances de sucesso e enfrentamento das desigualdades. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. NEOLIBERALISMO E LUTAS SOCIAIS: PERSPECTIVAS PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., 2009. São Luís. **Anais** [...]. São Luís: PPPGI-UFMA, 2009, p. 1-5. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/anais-joinpp-2017.html>. Acesso em: 14 jul. 2017.

PEREIRA, S. C.; PASSOS, G, de O. Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes das classes populares. *Linguagem, Educação e Sociedade*. Teresina, ano 12, n. 16, p. 19 – 32, jan./jun. 2007.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. **Classes populares na universidade pública brasileira e suas contradições**: a experiência do Alto Uruguai Gaúcho. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. p. 252.

PINTO, L. de M. S. Do papel social à individuação: as sociologias do indivíduo e suas implicações para a pesquisa educacional. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO – SIRSSSE, I., 2011. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2011, p. 7055 - 7056. Disponível em: <https://educere.pucpr.br/dados/2011/apresentacao.html>. Acesso em: 16 mar. 2017.

PIOTTO, Débora Cristina. **As exceções e suas regras**: Estudantes das camadas populares em uma universidade pública. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-08122010-132830/pt-br.php>. Acesso em: 25 set. 2017.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha.; HELAYËL-NETO, José Abdalla.; XAVIER, Marcel Duarte da Silva. Juventudes populares em um pré-vestibular: a construção coletiva de expectativas e campos de possibilidades educacionais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, nº 232, p. 620, set/dez. 2011.

SOUSA, L. P.; PORTES, É. A. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas /ações de permanência nos ordenamentos legais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: INEP/MEC, v. 92, nº 232, set./dez. 2011.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares**: algumas condições de possibilidade. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1998. p. 3.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Cultura escolar e espaço social. *In*: SERBINO, R. V.; LIMA GRANDE, M. A. R. de. (org.). **A escola e seus alunos**: o problema da diversidade cultural. São Paulo. Editora UNESP, 1995. p. 54 – 57.